

A PRODUÇÃO DAS REPRESENTAÇÕES SOBRE A PAZ MUNDIAL NA IMPRENSA BRASILEIRA (1945-1953).

Edvaldo Correa Sotana *

Resumo: Esta comunicação de pesquisa objetiva pensar os processos jornalísticos utilizados pela imprensa impressa brasileira para a produção do noticiário sobre a paz mundial entre 1945 e 1953. Desse modo, tem-se a pretensão de abordar aspectos do trabalho dos jornais brasileiros com o material enviado pelas agências internacionais de notícias no período inicial da Guerra Fria.

Palavras-chave: jornais – paz – noticiário internacional.

Abstract: This communication of research objective to think the journalistic processes used by the brazilian press printed for the production of news about world peace between 1945 and 1953. Thus, there is an attempt to address aspects of the work of brazilian newspapers with the material sent by international news agencies during the initial period of the Cold War.

Keywords: newspapers – peace – internacional news.

A Segunda Guerra Mundial produziu uma enorme destruição e modificou a vida das pessoas nela envolvida. Com o seu desfecho se fortaleceu as aspirações pacifistas mundo afora. Porém, o início da Guerra Fria interrompeu a breve expectativa em torno da paz mundial. Ainda em 1946, a oposição entre EUA e URSS provocou a divisão do mundo em dois blocos que passaram a rivalizar. Tais tensões mobilizaram inúmeras campanhas pacifistas, pois o temor de uma nova guerra figurava na conjuntura internacional. Nesse quadro, o pacifismo figurou como tema dos jornais brasileiros, tal como pode demonstrar os periódicos *O Estado de S. Paulo (OESP)*, *Folha da Manhã (FM)*, *Diário de S. Paulo (DSP)*, *Correio da Manhã (CM)* e *Jornal do Brasil (JB)*. Desse modo, esses jornais publicavam notícias sobre a paz mundial em espaços reservados para tratar de assuntos internacionais. Porém, o processo de publicação desse material guardava algumas particularidades.

Mesmo para os jornais do eixo Rio – São Paulo, a manutenção de uma equipe numerosa de correspondentes internacionais configurava-se na forma mais “cara de operar na cobertura jornalística”, pois um texto “distribuído a centenas de jornais que assinam os serviços de uma agência sai incomparavelmente mais barato que um texto produzido por um correspondente ou enviado especial cujos custos são cobertos inteiramente por um jornal ou por uma revista.” (NATALI, 2004: 31; 49). De acordo com Lima e Silva (2006: 11), o alto

* Doutorando em História pela UNESP/Assis como o projeto de pesquisa intitulado “A paz sob suspeita: o pacifismo na imprensa escrita brasileira no início da Guerra Fria (1945-1953). Bolsista CNPq. Orientador: Dr. Aureo Busetto. e-mail: edsotana@bol.com.br.

custo operacional e de produção levava as empresas jornalísticas a manter vínculos estreitos com órgãos norte-americanos ou europeus, já que “detentores de maiores recursos, tais veículos internacionais de notícias se encarregavam de divulgar boa parte das informações que circulam nos meios brasileiros quando o assunto é cobertura de conflitos nos países distantes.” Por isso, a imprensa impressa brasileira nutria-se de material enviado pelas agências internacionais de notícias e publicavam entrevistas ou pronunciamentos de Ministros de Relações Exteriores do Brasil.

A análise do material pacifista veiculado por órgãos da imprensa escrita brasileira, nos anos imediatamente posteriores a Segunda Guerra Mundial, pode ser caracterizada como vinculada à chamada história política. Vale indicar que a historiografia das últimas décadas vivenciou o (re) surgimento da história política como campo privilegiado de estudos. Esse retorno ao político não foi uma retomada do culto aos grandes heróis ou de uma história política factual. Essa revalorização foi impulsionada pela definição de novos objetos, de novas problemáticas e de novas abordagens (REMOND, 1999: 51 – 58).

É certo que a produção historiográfica tem se ocupado em precisar os aspectos ligados à modernização da imprensa impressa brasileira, sobretudo no que tange a transição do jornalismo opinativo para o jornalismo informativo, inspirado no modelo norte-americano de produção da notícia. No entanto, os pesquisadores têm atribuído pouca atenção à coleta e análise de dados que ajudem a entender os processos de produção e veiculação do material jornalístico entre o final da década de 1940 e início da década de 1950.

A utilização de material telegráfico remetido pelas agências internacionais de notícias para a produção de material jornalístico sobre a paz mundial pode suscitar uma interessante discussão. Para isso, é fundamental observar as formulações de alguns estudiosos.

Mattelart (1994) procurou identificar as modalidades de implantação das redes de comunicação desde o século XIX e, ao mesmo tempo, discutir conceitos e teorias ocupadas com o fluxo da informação no sistema de comunicação internacional. Num trabalho ocupado com a análise da imprensa carioca dos anos 1950, Ribeiro (2007: 38) pontuou o papel exercido pelo serviço telegráfico na criação de uma rede internacional de notícias. Segundo a estudiosa, as agências internacionais de notícias procuravam adotar “um estilo mais neutro e imparcial” para atender jornais de várias tendências, satisfazendo “editores e jornalistas de gostos distintos”. Desse modo, Ribeiro associou o trabalho das agências à constituição de um mercado da informação e a “maior neutralidade” no registro jornalístico dos eventos. Além das pesquisas citadas, pode-se ressaltar que estudiosos como Lins e Silva (1991) e Moreira (1996) relacionaram o trabalho jornalístico com o material enviado pelas agências

internacionais de notícias ao processo de modernização da imprensa brasileira, à adoção do modelo norte-americano de fazer jornalismo e à substituição dos textos opinativos por gêneros exclusivamente informativos. Esses autores, contudo, apresentaram poucos dados empíricos sobre o trabalho da imprensa impressa brasileira como o material enviado pelas agências UPI, API e Reuters.

É preciso lembrar, igualmente, que a instalação do telégrafo tornou a circulação de notícias mais rápida e intensa, permitindo aos jornais brasileiros publicarem informações sobre diversas partes do mundo. Assim sendo, os avanços tecnológicos contribuíram para a influência dos países capitalistas no jornalismo brasileiro, destacando-se, sobretudo, a influência norte-americana. Esta, no entanto, não se restringiu à imprensa, pois também atingiu diversas áreas da vida social. O cinema, a música, as formas de comportamento e os padrões de consumo são exemplos da introdução do *american way of life* no Brasil (RIBEIRO, 2007: 54). Na década de 1940, o território brasileiro foi alvo de múltiplas missões culturais oficiais e de diversas ações de jornalistas, professores universitários, publicitários, artistas, militares, cientistas, diplomatas e empresários norte-americanos. Esse organizado processo de difusão cultural possuía um objetivo extremamente delineado, já que o governo estadunidense pretendia obter o apoio brasileiro na luta contra o nazi-fascismo. Para isso, foi criado o *The Office For Coordination Of Inter American Affairs* (OCIAA). Sob o comando de Nelson Rockefeller, esse órgão responsabilizou-se pelas relações culturais dos Estados Unidos com países da América Latina. Entre 1940 e 1946, procurou difundir informações positivas sobre os Estados Unidos e combater a propaganda do Eixo. Sua estrutura organizacional contemplava diversas divisões como, por exemplo, a *Divisão de Informações* que, desde o início do programa, auxiliou as agências *United Press* e *Associated Press* na elaboração e difusão das notícias favoráveis aos Estados Unidos em solo brasileiro. Assim sendo, centenas de jornais e revistas brasileiras recebiam “dezenas de milhares” de notícias, fotografias e artigos sobre “as relações interamericanas” (MOURA, 1984: 11; 33-34). Nesse processo, as agências noticiosas norte-americanas ganharam poder e espaço internacional e, mesmo após a extinção do OCIAA, passaram a ser a principal fonte de consulta dos jornais brasileiros (PRADO, 2000: 338). Parece pertinente evidenciar, desse modo, que essas agências noticiosas contribuíram no processo de consolidação da presença norte-americana em território brasileiro.

Desse modo, no quadro de Guerra Fria os jornais brasileiros publicavam um número maior de notícias relacionadas ao mundo capitalista. Notícias sobre H. Truman, W. Churchill

como estadistas interessados na manutenção da paz mundial eram publicadas de forma mais freqüente do que informações referentes à posição de Stálin.

Mesmo assim, é possível ressaltar que os jornalistas brasileiros não recebiam o material enviado pelas agências internacionais de notícias como neutro e distante dos embates político-ideológicos travados na Guerra Fria. Apenas para ilustrar tal posição, temos a seguinte formulação publicada pelo *Jornal do Brasil*. Certa dúvida sobre as informações produzidas pelas agências foi registrada pelo matutino carioca que, ao comentar os resultados da IV Consulta de Chanceleres, realizada em 1951, em Washington, salientou:

As agências telegráficas e os enviados especiais dos jornais não têm prestado, desta vez, informações muito esclarecedoras sobre os debates das teses em que não houve concordância absoluta, de modo que os comentários não podem ser muito precisos. Houve, indiscutivelmente, na transmissão das notícias, uma prudência circumspecta, e, se não conhecêssemos o respeito que a América volta à liberdade de imprensa, suspeitaríamos até que tivesse sido exercida uma certa censura ou, pelo menos, que todos, governo norte-americano e delegados, tivessem tido a preocupação de não permitir que sobre os superficiais contrastes acerca da técnica de colaboração política, militar e econômica surgissem equívocos de interpretação.

Além disso, é preciso lembrar que existe um trabalho de construção do noticiário internacional. Tal construção inicia-se com uma seleção por parte das agências internacionais de notícias, pois, como frisou Ribeiro (1994: 11), “nem tudo o que acontece no mundo é passível de ir para as bancas amanhã, mas apenas aquela parte mínima que atrai e preocupa as pessoas.” Na redação do jornal, o telegrama proveniente da agência passava por uma espécie de filtragem. A escolha de um telegrama e não de outro, o uso integral de partes e, em último momento, a publicação ou não das partes escolhidas transformavam a utilização de um material sobre o cenário internacional numa “construção intelectual”. Nessa perspectiva, é necessário conceber que a notícia é constantemente “reescrita, condensada e traduzida”, sendo submetida aos critérios de edição (LAGE, 1997: 26).

É preciso notar a influência do padrão norte-americano de jornalismo sobre a imprensa brasileira sem, no entanto, afirmar que ela se tornou completamente submissa e meramente reprodutora de valores e conceitos alheios. Mesmo assim, a escolha de artigos, articulistas ou informações provenientes de agências internacionais não pode ser caracterizada como uma atividade neutra por parte dos jornais brasileiros. É pertinente ressaltar, igualmente, que a imprensa escrita brasileira não contava, tal como afirmou Danton Jobim (1960: 146), somente com “as agências como meio para obter informação” fora do raio de ação dos seus correspondentes internacionais.

Além de suspeitar do teor propagandístico do material telegráfico, os jornais também recorriam a outras fontes de informação, tal como sugeriu o OESP, em dezembro de 1945: “em relação à causa da paz, problema que preocupa todo o mundo, temos tido a oportunidade de coligir a opinião de figuras conhecidas nas letras, na diplomacia e na política.” Assim sendo, o corpo diplomático brasileiro era utilizado como fonte de informação para produção do material jornalístico sobre a paz mundial. Alguns trechos dos discursos proferidos por membros de delegações brasileiras nas Assembléias da ONU eram amplamente publicados pelos periódicos brasileiros. É preciso ressaltar, no entanto, que a imprensa brasileira não reproduzia os pronunciamentos dos Ministros das Relações Exteriores proferidos somente durante a realização das Assembléias da ONU ou no decorrer dos Congressos, Reuniões ou Encontros Internacionais. Os jornais também veiculavam esse tipo de material nos momentos que antecediam o embarque dos representantes brasileiros e publicavam os pronunciamentos por eles concedidos no regresso ao Brasil, como permite observar quinze entrevistas concedidas por Raul Fernandes, João Nevas da Fontoura, Osvaldo Aranha e Hidelbrando Accyolly.

Enfim, é necessário pensar os processos jornalísticos utilizados pela imprensa impressa brasileira para a produção do noticiário sobre a paz mundial entre 1945 e 1953. Deve-se ressaltar a importância de historiar e analisar a maneira como os jornais percebiam os telegramas e, principalmente, como tratavam da sua utilização. Além disso, pode-se salientar que os telegramas não foram às únicas fontes de informação dos jornais brasileiros para as discussões relativas ao cenário externo e, conseqüentemente, para tratar da paz mundial, já que as entrevistas e os pronunciamentos de diplomatas e de ministros de Relações Exteriores também foram utilizados como fonte de informação para a construção do material jornalístico referente à paz mundial.

Referências Bibliográficas:

JOBIM, Danton. **Espírito do jornalismo**. Rio de Janeiro: Livraria São José, 1960.

LAGE, Nilson. **Estrutura da notícia**. 2.ed. São Paulo: Ática, 1987.

LIMA E SILVA, Igor Marx Freire Ferreira. **Enquadramentos de Guerra**: a cobertura do recente conflito no Iraque em dois jornais brasileiros. 169 fls. Dissertação (Mestrado em Comunicação). Faculdade de Comunicação: Universidade de Brasília, 2006.

LINS E SILVA, Carlos Eduardo **O adiantamento da Hora**. A influência americana sobre o jornalismo brasileiro. São Paulo: Summus, 1991.

NATALI, João Batista. **Jornalismo internacional**. São Paulo: Contexto, 2004.

RÉMOND, René. O retorno do político. In.: CHAUVEAU, Agnes. **Questões para a história do presente**. Bauru, SP: Edusc, 1999.

RIBEIRO, Ana Paula Goulart. **Imprensa e História no Rio de Janeiro dos anos 1950**. Rio de Janeiro: E-Papers, 2007.

MOREIRA, Sônia Virgínia. O mundo pelas agências de notícias. In.: **Comunicação e Educação**. S.P. n.05, p. 23-26, jan./abr. 1996.

MOURA, Gerson. **Tio Sam chega ao Brasil**: a penetração cultural norte-americana. São Paulo: Brasiliense, 1984

PRADO, Maria Lígia Coelho. Davi e Golias: as relações entre Brasil e Estados Unidos no século XX. In.: MOTA, Carlos Guilherme (org.) **Viagem Incompleta, a experiência brasileira**: a grande transação. São Paulo: Senac, 2000.

RIBEIRO, Jorge Cláudio. **Sempre Alerta**: condições e contradições do trabalho jornalístico. São Paulo: Editora Brasiliense, 1994.